

## Associação Nacional de História – ANPUH

### XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

#### Cinema e ensino de história.

Marcos Silva

Este Seminário Temático reunirá experiências de Ensino de História com Cinema, procurando refletir sobre suas potencialidades.

O Cinema aborda freqüentemente a História como tema. O Cinema mais elaborado (Luchino Visconti, Ingmar Bergman, John Ford, Federico Fellini, Michelangelo Antonioni, Glauber Rocha, etc.) transforma essa abordagem em reflexão profunda, porque mergulha com recursos da Grande Arte – Razão sensível e expressiva - nas experiências humanas. Quanto maior a capacidade Cinematográfica do Cineasta, maiores os resultados reflexivos a serem explorados pelo Ensino.

É importante, conseqüentemente, trabalhar com os Alunos a compreensão desses grandes filmes (como as cenas foram filmadas, como os atores trabalharam, quais os significados derivados desse processo), extraindo deles modos de encarar aspectos das experiências históricas. Isso não impede, evidentemente, a discussão de filmes menos profundos, explorando seus níveis de historicidade.

O Cinema tem sido usado em larga escala nas salas de aula de História, mas, em muitas ocasiões, de uma maneira pouco reflexiva. É habitual o Professor escolher um filme exclusivamente pelo tema, sem estar atento ao trabalho de pensamento feito sobre esse assunto pela Arte cinematográfica. Por outro lado, alguns Professores e alunos tendem a encarar o filme como “revelação da realidade”, o que é um grave equívoco. Os filmes (inclusive as obras-primas) são reflexões sobre uma questão, e não sua chave explicativa universal. É necessário dialogar com os filmes, não transferir para eles a responsabilidade explicativa. Os filmes nos convidam, ainda, a pensar sobre o que é mesmo História – não apenas personagens e temas já estabelecidos enquanto tal...

Jean-Patrick Lebel, no livro *Cinema e ideologia*, argumentou que quanto mais profundo é o trabalho da linguagem cinematográfica num filme, maior é sua capacidade de superar o discurso meramente ideológico, atingindo um espaço reflexivo crítico. Todo filme tem vínculos profundos com o tempo em que é feito. Nesse sentido, um filme que aborda

temas do passado mais remoto evidencia interesses do momento em que foi concebido e realizado, como ideologia ou como pensamento crítico.

Dois grandes exemplos dessa natureza são: *A fonte da donzela*, de Ingmar Bergman (ambientado na Idade Média sueca, evidencia um olhar para as diferenças sociais e tensões com um Deus que parece indiferente aos sofrimentos humanos); e *Deus e o diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha (aborda os movimentos messiânicos e o cangaço, historicamente associados à passagem para o século XX e à primeira metade desse século, mas também realiza uma reflexão sobre papéis de intelectuais e classe média no Brasil dos anos 60).

Todo filme remete à ideologia ou à crítica do momento em que foi realizado porque é impossível se falar sobre um puro passado – processo semelhante ocorre no campo do Conhecimento Histórico mais formal (Razão conceitual e demonstrativa). As diferenças entre filmes e pesquisas históricas acadêmicas se dão nos caminhos para garantir que as relações com o tempo presente não se transformem em banal ideologia. No caso da pesquisa histórica, existem os recursos de método crítico. No campo cinematográfico, trata-se de pensar nas possibilidades narrativas e poéticas, que transcendem aquela dimensão imediatista.

É por esse motivo que não precisamos concordar com a perspectiva nazista de Leni Riefensthal para entender que ela possuía uma enorme capacidade organizativa da narração cinematográfica, chegando a transcender o Nazismo – vide a beleza de corpos e os desempenhos de atletas de diferentes “raças” (o negro norte-americano Jesse Owens e os muitos asiáticos), em *Olympia*, desmentindo a falácia ariana.

O filme *A Queda*, mais recentemente, mostrou Hitler de uma forma humanizada (com medos, gentilezas, afetos), sem deixar de ser quem era – um criminoso. Trata-se de uma obra muito perturbadora porque nos diz que os terríveis crimes nazistas foram cometidos por seres humanos, não por demônios ou ETs. Daí, ele nos provocar o pensamento sobre como foi possível que isso acontecesse numa pessoa que a maioria de nós julga monstruosa e que sentimos, a partir do filme, de alguma maneira, próxima de nós. Afinal, se fossem diabos ou criaturas de outros planetas, tudo seria muito mais fácil de explicar! O excepcional trabalho dos atores, nesse filme, contribui em muito para tais resultados. Isso não se confundirá jamais com apoio àqueles crimes, antes nos convida a vê-los como riscos que a condição humana abriga, e que devem ser radicalmente e sempre combatidos.

A História do Brasil, por sua vez, foi muito contada em filmes - e continuará a sê-lo, certamente. Cabe lembrar dificuldades de produção do Cinema brasileiro (a indústria de entretenimento, entre nós, se consolidou especialmente na televisão), que significam barreiras

para filmes de época, por exigirem cenários e guarda-roupas complexos, dentre outros campos de grandes investimentos. Existem, todavia, filmes brasileiros de muito interesse sobre Cangaço, Messianismo, Estado Novo, Ditadura Militar... E qualquer filme, à sua maneira, diz algo sobre História.

A entrega à ficção, no Cinema e noutras linguagens artísticas, não significa renúncia ao espírito crítico. Cada filme é uma construção, portanto uma interpretação. Dialogamos com essa interpretação, pensamos sobre outras abordagens daquele assunto, outras possibilidades. E o filme é um convite para encarar aspectos da História que nem sempre são tratados no ensino formal.

Usar o Cinema como uma face do Ensino de História não significa transferir para ele outras tarefas de Professores e Alunos. Continuaremos a ler livros, a visitar museus, a pensar...

### **CURRÍCULO MÍNIMO DO PROPONENTE:**

Nome completo: Marcos Antonio da Silva.

Endereço: Rua Purus, 218 – Vila Mazzei – SÃO PAULO – SP - 02308-040.

Titulação: Livre-Docente em Metodologia da História.

Instituição onde se tituló: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Filiação institucional: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (desde 1983).

CPF: 532490208/00.